

Perscrutando os inícios da modernidade: uma análise da peça escola de mulheres

Benicio Backes[1]
FEEVALE
Lúcia Jacinta da Silva Backes[2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Estudo focado nas artes como um campo específico de conhecimento e que pode sugerir novas compreensões de mundo e de vida. Tem-se como objetivo a análise da peça de Molière (Escola de Mulheres) quanto a possíveis aproximações de elementos presentes nessa peça, com elementos da então nascente modernidade. Parte-se de uma análise exploratória, com abordagem qualitativa, tecendo relações entre elementos da peça em análise e pensares característicos da modernidade, perscrutando aproximações entre os mesmos como possibilidade de ampliar as interlocuções entre diferentes campos do conhecimento, mais especificamente entre as artes e as ciências humanas. A análise aponta para a força de um relato de uma época (século XVII) que tende a uma espécie de crítica aos princípios da modernidade que estava em vias de formação Evidencia-se que, quando tudo parece se mostrar tão somente numa direção, o campo das artes, apropriando-se do pensamento em vigor, numa peça de teatro, consegue expressar a força desse pensamento, traduzindo-se como crítica à sociedade em formação e oferecendo-se, ao mesmo tempo, como possibilidade de compor um campo de reflexividade em torno dos diferentes propósitos e usos da cultura da nascente modernidade.

Palavras-chave: Modernidade; Escola de mulheres; artes e filosofia.

Introdução

A modernidade suscita várias possibilidades de análise tanto em relação à escolha de um tema em específico, como quanto às opções metodológicas e epistemológicas que podem sustentar tal empreitada. Dentro desse contexto cabe referir os nascedouros do tema em estudo e o percurso teórico-metodológico, orientador e balizador da discussão.

O tema nasce das possibilidades e necessidades de aproximação de diferentes campos de saber quando se pensa o processo educativo capaz de uma educação integral. Dentro desse contexto, situa-se o problema: Como as artes, um campo

[1] Graduado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor na Universidade Feevale.
[2] Mestrado em Ciências da comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil Título: Racionalidades do consumo e a segmentação de público: o jovem na publicidade jeans, Ano de obtenção: 2003. Especialização em Administração de Marketing. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil. Graduação em Comunicação Social. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil. Graduação em Licenciatura em Música. UERGS - Montenegro, UERGS, Brasil.

específico de conhecimento, podem sugerir novas compreensões de mundo e de vida?

O estudo tem como objetivo a análise da peça de Molière (Escola de Mulheres) quanto a possíveis aproximações de elementos presentes nessa peça, com elementos da então nascente modernidade.

E, para dar conta deste objetivo, utilizando-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, incursiona-se no pensamento da modernidade, procurando relacionar elementos da peça em análise, com pensares característicos da modernidade, perscrutando aproximações entre os mesmos como possibilidade de ampliar as interlocuções entre diferentes campos do conhecimento, mais especificamente entre as artes e as ciências humanas. Tece-se ainda uma reflexão sobre um dizer de Inês em relação às argumentações de Arnolfo quanto ao pecado: “Coisa tão gostosa e tão doce!”. Nessa expressão reside parte da força da peça de Molière como relato de uma época que tende a uma espécie de crítica aos princípios da modernidade que estava em vias de formação.

Escola de mulheres

A história se passa no Século XVII. O tema da peça – o casamento e as mulheres – é constituído por cinco atos, divididos em cenas. É um texto de poucas rubricas. Não é apresentado um cenário. Sabe-se que há uma casa em que fica reclusa a personagem Inês, juntamente com as personagens Alain e Georgette.

A casa que fica num lugar afastado remete a ideia da bondade natural de Rousseau (1995, p. 7): “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem”. Manter a Inês afastada da sociedade significa protegê-la quanto às corrupções engendradas pela sociedade egoísta e perversa como refere Arnolfo ao longo da peça quando procura compreender sua “inocência”, dizendo-lhe que pode lhe oferecer alegria e segurança.

Crisaldo, quanto às certezas de Arnolfo em relação ao casamento, às mulheres lhe sugere: “E se você, Arnolfo, ainda está aí, não fique triste; a sorte é sua. Para quem acha os chifres a suprema vergonha, não casar é a única maneira de estar bem

seguro" (MOLIÈRE, 1997, p. 92). Nessa passagem o olhar se contrapõe a Rousseau, remetendo a Kant (2006) para quem a natureza originária do humano é ávida de prazeres, nunca saciados e pelos quais somos capazes de matar, roubar, mentir. Daí a necessidade, por exemplo, de uma educação com disciplina, pois ela "transforma a animalidade em humanidade" (KANT, 2006, p. 12).

Oronte, o pai de Horácio, mostra-se uma pessoa que ao mesmo tempo vem ao encontro das ideias de Arnolfo, desconstroi-as com o mesmo artifício. Esse é o nascente espírito da modernidade, explicitado por Descartes: "[...] a diversidade de opiniões não decorre de serem alguns mais racionais que outros, mas unicamente do fato de conduzirmos nossos pensamentos por diversas vias e não considerarmos as mesmas coisas" (in: MARCONDES, 1999, p. 79).

Alain e Georgette são os empregados de Arnolfo. A eles não é permitido pensamento, reflexão. Podem agir somente de acordo com o que lhes é solicitado. Deles requer-se a obediência, um dos objetivos para a educação das crianças desde cedo, segundo Kant (2006, p. 13): "[...] para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado".

A personagem principal é Arnolfo. A história se inicia com Arnolfo e Crisaldo num diálogo sobre o casamento de Arnolfo em que o assunto se dá em torno da mulher ideal para se casar. E essa, encontra-se próxima da Sofia de Rousseau: passiva e dócil diante do Emílio forte e ativo, complementando-se ambos "nesses papeis que a natureza teria distribuído sabiamente para a boa convivência" (STRECK, 2004, p. 60).

Inês, a futura esposa, vive aos cuidados de Arnolfo, desde os quatro anos de idade. Uma proteção para que não se torne uma mulher esperta, mas uma mulher obediente ao marido. Rousseau (1995, p. 573) adverte: "Uma moça intelectual é o flagelo de seu marido, de seus filhos, de seus amigos, de seus empregados, de todo mundo". Arnolfo pensa que, agindo de tal forma, não será como outros homens, traídos por suas mulheres, fingindo não saberem ou para não sofrerem, usufruem, também, de presentes que suas esposas recebem dos amantes. Esse olhar de Arnolfo é construído a partir de sua observação de vários casamentos por um período de vinte

anos. Com base na observação, um dos elementos do conhecimento científico que consolida suas bases nos inícios da modernidade, atua então para não ser um homem com chifres.

Arnolfo quando ouve falar do envolvimento de Horácio com Inês, arma uma estratégia para trazer à tona esse romance. Entre as estratégias estão a não reação agressiva para com Horácio o que se aproxima do princípio de prudência, presente na educação kantiana: "[...] que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência" (KANT, 2006, p. 26). Já as outras estratégias como conversas com os empregados para não permitirem visitas à Inês; convite à Inês para um passeio e em meio à conversa saber o que ela faz em sua ausência; elogio à Inês, dizendo-lhe que não merece ser caluniada por pessoas maldosas estão próximas do princípio da civilidade. "Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servirmos dos outros homens para os nossos fins" (KANT, 2006, p. 26).

Entretanto, Arnolfo se surpreende ao ouvir Inês dizer por que recebeu o jovem Horácio em sua casa. Compreende-a pela sua inocência, mas usa de argumentos religiosos para dizer-lhe que não cometa pecado. Ao que Inês responde: "[...] é uma coisa tão gostosa e tão doce!" (MOLIÈRE, 1997, p. 36).

Temendo perdê-la, Arnolfo propõe casarem-se imediatamente, provocando risos em Inês. Nessa proposta, evidencia-se a cultura da serventia do casamento para a mulher: seu dever e posição. O poder é do homem. A obediência requerida da mulher é muito maior que outras relações interpessoais da sociedade. Nas palavras de Molière: "A onipotência é para quem tem barba. Ainda que sejamos duas partes de um mesmo todo, as duas partes não são nada iguais. Uma é suprema; outra, subalterna. Uma, em tudo, tem que submeter-se à outra, que comanda" (MOLIÈRE, 1997, p. 41). É o que se vê também em Rousseau (1995, p. 514): "Ofereceis sem escrúpulos uma educação de mulher às mulheres, fazei com que gostem dos trabalhos de seu sexo, com que tenham modéstia, saibam zelar por seu lar e cuidar da casa".

Arnolfo se posiciona como capaz de dar a maior alegria e segurança à Inês. Diz-lhe para não seguir o exemplo de mulheres faladas na sociedade – mulheres "tristes e levianas" (MOLIÈRE, 1997, p. 42) e lhe entrega um escrito que a ensinará o ofício de esposa. É o que também prevê Rousseau (1995) quando trata da educação de Sofia.

No escrito à Inês, fala da importância de casar logo, comparando uma mulher simples com uma mulher esperta que "é um outro animal. [...] Usa a Inteligência para ridicularizar nossas lições, para transformar seus vícios em virtudes. [...] E quando, por capricho, passa sentença sobre nossa honra, não há nada a fazer: lá se vai nossa honra" (MOLIÈRE, 1997, p. 47). Arnolfo busca constantemente formas de afastar Inês desse tipo de mulher que bem sabe descrever.

"Coisa tão gostosa e tão doce!"

Muito da história, retratada no século XVII, revela traços sobre a atual sociedade descrita por Freud (1997) quando descreve o mal-estar na civilização.

Os diferentes padrões de avaliação que entram em jogo quando o ser humano se põe em avaliação e/ou avalia comportamentos, situações, fatos, coisas, sugerem uma complexidade humana. Segundo Freud (1997, p. 9): "[...] o mundo humano e sua vida mental são variados". E o que uma pessoa em particular não pode vivenciar, não é argumento suficiente para negar sua existência em outros. Talvez, pelo contrário, é motivação para a compreensão de diferentes sentimentos e padrões de avaliação que são experienciados e/ou requeridos, às vezes, como naturais e/ou universais.

Segundo Freud (1997, p. 22): "A vida tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas". Essas se referem tanto às diferentes instituições, de caráter associativo, político, educativo, econômico, religioso que o ser humano inventa como possibilidade de diminuir os sofrimentos que provêm do "próprio corpo" e "do mundo externo" como dos "relacionamentos com os outros homens" (FREUD, 1997, p. 25).

Nesta perspectiva, o ser humano, a partir de diferentes modos, ao buscar alterar sua situação no mundo e o próprio mundo, procura adaptá-lo aos seus desejos, guiando-se pelo "programa do princípio do prazer" (FREUD, 1997, p. 24), seja promovendo situações de prazer, seja evitando situações de dor e sofrimento. E faz isso, principalmente, quanto à terceira fonte de sofrimentos, procurando ajustar seus relacionamentos com os demais seres humanos, via família, estado e sociedade. No entanto, a forma como nos organizamos em sociedade mesmo que a mesma se dê com a intenção clara de evitar o máximo possível de dor, pode-se constituir em nova fonte de sofrimento (FREUD, 1997), pois o indivíduo ao se organizar em sociedade abre mão de diferentes possibilidades de satisfação individual a favor da coletividade, procurando garantir ideias de justiça, de beleza, de ordem e/ou de utilidade.

A renúncia à possibilidade de satisfação individual a favor de uma coletividade, não é tão tranquila assim. Se ela não for suficientemente compensada, pode produzir hostilidades. É dentro deste contexto que se pode compreender uma das grandes questões que permeiam o texto de Molière (1997): a de o ser humano trocar "uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança" (FREUD, 1997, p. 72), abrindo mão de viver intensamente desejos a serem experienciados tão somente como "coisa tão gostosa e tão doce!" (MOLIÈRE, 1997).

Considerações finais

A peça de Molière (1997), um retrato tanto da condição feminina do século XVII, como do mal-estar produzido pelas narrativas de uma modernidade nascente, oferece-nos ótimas pistar para analisar a sociedade atual em que se vê intensificada a luta permanente entre a esfera individual e a esfera cultural, coletiva. Percebe-se um querer estar dentro da sociedade, na medida em que é capaz de oferecer segurança ao mesmo tempo em que se re(cria) um estar fora, como possibilidade de se manter como indivíduo em busca das satisfações individuais.

A reclusão imposta à Inês não está de todo resolvida: encontramos ainda mulheres sem acesso a informações, sem voz e com direitos negados. Isso, no entanto, não elimina a força de vida que os seres humanos têm – e aí está também o

ser mulher, tema da peça. Inês ao revelar a Arnolfo o prazer do amor, por meio da frase “como é que se evita o que nos dá prazer” (MOLIÈRE, 1997, p. 79), mostra que o que dá vida não pode ser evitado, considerado pecado, erro, afronta... Antes deve ser problematizado quanto aos fundamentos e aos propósitos, mostrando que é possível rediscutir regras, pensamentos e comportamentos que podem levar as pessoas a viverem melhor.

Como cada um dos campos do conhecimento apresenta suas especificidades de compreensão e análise, promover problematizações que dialoguem entre si permitem olhares e perspectivas mais plurais. E perspectivas mais plurais dão margem a pensar a realidade vivida numa perspectiva de intervenção – criação e re(criação) de destinos – e de responsabilização (ética) sobre os mesmos. Em outras palavras, como evidenciado no presente estudo, quando tudo parece mostrar-se tão somente numa direção, o campo das artes, apropriando-se do pensamento em vigor, numa peça de teatro, consegue expressar a força desse pensamento, traduzindo-se como crítica à sociedade em formação e se oferecendo, ao mesmo tempo, como possibilidade de compor um campo de reflexividade em torno dos diferentes propósitos e usos da cultura da nascente modernidade.

Referências

DESCARTES, René. Discurso do Método. In: MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio d Janeiro, Zahar, 1999. p. 78-85.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MOLIÈRE. **Escola de mulheres**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção leitura).

KANT, Immnuel. **Sobre a Pedagogia**. 5. ed. Piracicaba/SP: Unimep, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**: São Paulo: Martins Fontes, 1995.

STRECK, Danilo R. **Rousseau e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.